

VARIAÇÕES

## TODAS AS MULHERES SÃO HELENA DE TROIA<sup>1</sup>

Cláudio Moreno<sup>2</sup>

*Só existe uma mulher no mundo – uma mulher de infinitas faces.*

Kazantzakis<sup>3</sup>

Por algum motivo que até hoje nos intriga, o fundador da literatura ocidental, um grego a quem, por comodidade, convencionamos chamar de Homero, escolheu como tema de sua *Ilíada* (2002) uma guerra em que dois imensos exércitos combateram, por mais de dez anos, por causa de uma mulher. Esta mulher especial, a bela Helena, a lendária Helena de Troia continua, três mil anos depois, a desafiar a curiosidade dos homens e a provocar, como veremos, as mais diversas interpretações. No presente trabalho, comparando as diferentes Helenas da literatura, vamos tentar chegar o mais próximo possível do que poderia ser uma versão canônica desta fascinante história.

Se os mitos, como dizem, podem ser comparados aos sonhos de uma mente coletiva, eu gostaria de lembrar – sem querer ser impertinente – que através deles só podemos chegar à mente de quem o produziu, e não à mente dos personagens que neles atuam. A história de Helena, com suas infindáveis peripécias e variantes, não nos autoriza a analisar Helena, mas, sim, a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA: *A escrita do sexual*, outubro de 2013, em Porto Alegre.

<sup>2</sup> Doutor em Letras; Professor; Escritor; Autor de *Um rio que vem da Grécia. Cem lições para viver melhor: histórias da Antiguidade, A guerra de Troia e Noites gregas*, todos editados pela L&PM. E-mail: cmoreno@terra.com.br

<sup>3</sup> Kazantzakis, N. *The last temptation of Christ*. New York: Simon&Schuster, 1998, p.457.

cultura que fez com que esse mito crescesse e se transmutasse ao longo de todos esses séculos. Como disse Robert Meagher, de maneira exemplar, em *The meaning of Helen*:

Como uma parede muito antiga, riscada por milênios de grafiteagem, Helena preserva nossa memória. Ela se tornou aquilo que os outros disseram sobre ela, fizeram em nome dela, sofreram por causa dela, criaram em homenagem a ela. A história dela e a nossa não podem se separar. Mais especificamente, ela é a mulher que desejamos, idealizamos, idolatramos, difamamos, celebramos, construímos e desconstruímos. Para o bem ou para o mal, Helena, em todas as suas metamorfoses, representa o registro fóssil intacto da mulher na cultura ocidental. A história de Helena é a história da mulher<sup>4</sup> (Meagher, 2002, p.1).

## 1 – O nascimento de Helena

O pai de Helena nós sabemos quem é: Homero a apresenta como “filha de Zeus”, o mesmo epíteto que utiliza para as filhas mais importantes do senhor do Olimpo, como Atena e Artêmis, bem como para as Musas e para as ninfas – mas, de todas elas, Helena é a única que é mortal. Quanto à sua mãe, no entanto, há controvérsias.

Nos *Cantos cípricos*, dos quais só nos restam alguns fragmentos, Helena aparece como filha de Zeus com a deusa Nênese. Assediada pelo senhor do Olimpo, a deusa teria tentado fugir metamorfoseando-se em diferentes animais, até que, voando no corpo de uma gansa, foi alcançada e fecundada por Zeus na forma de um cisne. Nesta prosaica versão, portanto, Helena teria nascido de um ovo, abandonado entre os juncos das margens do rio Eurotas. Recolhido por um pastor, o ovo foi levado para a rainha Leda, que seria, na verdade, apenas a mãe adotiva. Esta versão aviária, apesar de ter sido esposada por vários pintores renascentistas (Francesco d’Ubertino, Giovanni Pedrini, Pontorno e Leonardo da Vinci, por exemplo, incluíram grandes cascas de ovo nas telas que pintaram sobre o tema de Leda e o cisne), decididamente não está à altura do nascimento de Helena. Em primeiro lugar, a mulher mais bonita do mundo, a beleza que provoca o desejo incontrolável dos homens, não pode ser concebida numa cópula assim tão desprovida de

<sup>4</sup> Tradução do autor.

erotismo como é o acasalamento das aves, reduzido a rápidos e bruscos estremeções do macho que monta sobre a fêmea. Depois, não parece verossímil que Zeus, um reconhecido *homme à femmes*, fosse escolher como parceira para esta cena logo a severa Nênese, a deusa do castigo e do limite, a deusa da justiça divina, que pune todo mortal que incorre em *hybris*. Por último, e talvez mais decisivo, se Helena fosse filha desse par divino, ela não seria mortal, como sabemos que é.

Não por acaso, o imaginário ocidental preferiu a versão de Homero e de vários outros autores, que afirmam que Helena é filha de Zeus e de Leda, casada com Tíndaro, o rei de Esparta. Zeus, na forma de um cisne alvíssimo, desce do Olimpo e seduz a jovem rainha nas margens do rio Eurotas, onde ela se banha todas as tardes. A cena sempre exerceu um fascínio especial sobre pintores e escritores de todas as épocas, não tanto pelo conteúdo de perversão e exotismo que oferece (sexo com um animal), mas porque é um coito cujo gozo é potencializado, carregado que está de significado pelo fruto que vai produzir – a bela Helena, a versão humana da deusa Afrodite. Desta forma, nascida do entrelaçamento de uma mulher com o mais feroso dos deuses – e todas as representações que conhecemos desta cena põem no semblante de Leda as marcas de um orgasmo extra-humano –, a mulher mais fascinante do mundo não é filha do amor, mas do prazer.

Quando Leda volta para o palácio, ela já carrega no ventre dois filhos de Zeus: Helena e Pólux. No dia seguinte, Tíndaro tem relações com ela e a engravida de outros dois filhos, Clitemnestra e Castor. O próprio Homero se encarrega de esclarecer a intrincada distribuição desses quadrigêmeos cruzados: na *Ilíada*, é a própria Helena que fala de Castor e Pólux, “meus dois irmãos, nascidos junto comigo, da mesma mãe” (Homère, Canto III, p.236-8). Na *Odisseia*, Ulisses conta como ele viu “Leda, a esposa de Tíndaro, que deu a ele dois filhos varões” (Homère, Canto XIII, p.298-300). Finalmente, no canto XXIV, Tíndaro é mostrado como o pai de Clitemnestra. Helena tem, portanto, um irmão (Pólux, que traz nas veias, assim como ela, o sangue de Zeus) e dois meios-irmãos, Castor e Clitemnestra. Castor e Pólux morrem antes da deflagração da Guerra de Troia; Clitemnestra, contudo, será personagem decisiva nos preparativos para a guerra e, principalmente, no trágico destino que aguarda Agamênon ao retornar vitorioso de Troia.

## 2 – Helena como objeto de desejo

Nascida para representar uma Afrodite de carne e osso, desde cedo Helena exerceu sua irresistível atração sobre os homens. Páris não foi o pri-

meiro a raptá-la, mas, sim, Teseu, o lendário rei de Atenas, que, juntamente com seu amigo Píritoo – ambos agora viúvos, mergulhados no tédio de uma meia-idade ociosa –, tinha decidido realizar a inédita fantasia de levar uma filha de Zeus para a cama. Sendo duas delas virgens militantes (Atena e Artêmis), as duas que restavam – Perséfone, casada com Hades, o senhor do Mundo dos Mortos, e a juvenil Helena, ainda pré-núbil – foram sorteadas entre eles. Helena, que ainda era menina (as versões sobre sua idade dão-lhe de seis a doze anos), coube a Teseu, que a levou secretamente para Afidna, uma cidade perto de Atenas, onde a deixou sob a guarda de Aetra, sua mãe.

Depois de muito procurá-la, Castor e Pólux, à frente de um exército, invadem Atenas e descobrem o paradeiro da irmã, levando-a de volta para casa. Entretanto, como tudo o que se refere a Helena, ninguém sabe ao certo o que aconteceu entre ela e Teseu durante sua estada em Afidna. Alguns dizem que ela retornou intacta, mas outros dizem que não, e que ela inclusive teria dado à luz uma filha, entregue secretamente a Clitemnestra, que a assumiu como sua para que o futuro casamento da irmã não ficasse prejudicado. Esta menina seria Ifigênia, a virgem que vai ser sacrificada por Agamênon para que os ventos permitam a partida da esquadra que vai para Troia em busca de Helena, que é, ironicamente, sua mãe.

Pouco tempo depois, espalha-se a notícia de que Tíndaro vai escolher um marido para Helena. Ninguém parece dar muita importância ao que teria acontecido entre ela e Teseu, pois de todas as partes da Grécia, atraídos pela fama da beleza incomparável da filha de Zeus, acorrem jovens guerreiros das mais importantes casas nobres. Muitos dos nomes que fazem parte desta relação serão imortalizados por Homero, como Diomedes, os dois Ajax, Idomeneu, Ulisses, Filocteto e Menelau; na verdade, todos os gregos que vão dominar os combates na planície de Troia estão nesta lista – exceto Agamênon, que já está casado com Clitemnestra; Nestor, o ancião, que tem mais de 300 anos; e Aquiles, que ainda é adolescente, jovem demais para casar. Tíndaro já elegeu Menelau, irmão de Agamênon, como seu novo genro; no entanto, aconselhado por Ulisses, antes de anunciar o escolhido, faz todos os presentes jurarem solenemente que unirão suas forças para defender Helena, caso ela venha a ser sequestrada. Alguns anos depois, quando Helena for levada por Páris, este juramento permitirá que Agamênon convoque todos eles para a expedição contra Troia.

### 3 – O pomo da discórdia

Enquanto Menelau desfruta os primeiros anos de seu casamento com Helena, os deuses (para uns, o próprio Zeus, roteirista e diretor da guerra que

vai se travar entre gregos e troianos) preparam a entrada em cena de Páris, o terceiro vértice do mais famoso triângulo amoroso de todos os tempos. No casamento de Peleu e Tétis (os futuros pais de Aquiles), a deusa da discórdia, Éris, despeitada por não ter sido convidada, vale-se de seu conhecimento da alma feminina para terminar com a festa em questão de minutos: ela simplesmente arremessa para dentro do recinto uma maçã dourada (talvez um dos pomos do Jardim das Hespérides), ostentando a venenosíssima inscrição “à mais bela”. O efeito é devastador: sob o olhar assustado dos homens, que prudentemente recuam, as mulheres se engalfinham numa acirrada disputa verbal que só não descamba para plebeíssimos puxões de cabelo porque Zeus está presente. O ímpeto inicial de várias concorrentes vai esfriando à medida que fica claro que a decisão vai se dar entre Hera, Atena e Afrodite, reconhecidamente as três deusas mais poderosas do Olimpo. Elas imploram a Zeus que declare a vencedora; ele, no entanto, considera-se impedido, como marido e pai de duas das candidatas, e declara que o juiz mais indicado para o caso é Páris, jovem pastor de Troia, justo (e belo) como poucos. O círculo está fechado: Afrodite vai envolver Helena na trama, a guerra entre gregos e troianos vai acontecer e Homero poderá, enfim, escrever a *Ilíada* e a *Odisseia*.

#### 4 – Páris e Afrodite

Este julgamento até hoje incendeia nossa imaginação por tudo o que ele reúne – beleza, poder, erotismo, risco e recompensa. Há algo excepcional nesta cena: um simples mortal como nós é autorizado a ver e a julgar o corpo nu de três deusas, rompendo-se assim uma das interdições mais rigorosas da mitologia grega (veja-se, por exemplo, o que ocorreu com Tirésias ou com Ácteon: a cegueira do primeiro e a morte do segundo seriam punições por terem visto, por acaso, a nudez de Atena e de Artêmis, respectivamente). Aqui, no entanto, é diferente: Páris, autorizado por Zeus Pai, vai nos levar àquela recôndita clareira do monte Ida, permitindo que nós tenhamos também o prazer proibido de olhar aquelas mulheres divinas – três avatares da Grande Deusa primitiva – que vão se despir docilmente à nossa frente, sedutoras no gesto e na voz, tentando conquistar a preferência do julgador.

Apesar de ser um concurso de beleza, Atena e Hera, pressentindo a superioridade de Afrodite, tentam atrair Páris propondo-lhe vantagens adicionais: glória, fama, sabedoria, poder. Afrodite, porém, que soube enxergar o desejo nos olhos de Páris, oferece a si mesma, para que ele goze sua beleza incomparável – mas através de uma substituta, Helena, que é praticamente a sua representante, quase um simulacro, uma espécie de Afrodite mortal e

corporificada através da qual a deusa pode tomar parte nas histórias que se desenrolam entre os mortais. Alguém já observou que Páris talvez não tivesse sido persuadido se fosse Atena ou Hera quem lhe oferecesse o amor de Helena, que ele não conhecia. Vinda, porém, de Afrodite, a oferta era irresistível, porque subentendia a promessa de que Helena satisfaria o desejo que a deusa tinha despertado nele.

Na concepção de Homero, é Zeus quem faz acontecer a Guerra de Troia, que será o momento fundador do mundo helênico. Como autor e diretor deste filme, é ele quem liga os fios, escolhe os personagens e decide o enredo. Não pode ser casual, portanto, a indicação de Páris como julgador, ele que não passava de um simples pastor (que só mais tarde seria reconhecido como filho de Príamo), vivendo com seus rebanhos nos arredores de Troia, uma distante cidade asiática, do outro lado do Helesponto. Ele é um jovem belíssimo, impulsivo e romântico, e assim como sua reação às propostas das três deusas é perfeitamente previsível, assim também serão previsíveis seus próximos passos, rumando para Esparta em busca do amor prometido e originando, com isso, a Guerra de Troia.

Não seria absurdo, também, imaginar que Afrodite estivesse colaborando desde o início com o senhor do Olimpo no projeto desta guerra. Nesse sentido, há um detalhe intrigante na história do nascimento de Helena: por que – no episódio da sedução de Leda – o tradicional ajudante de Zeus em suas escapadas românticas, Hermes, foi inexplicavelmente substituído por Afrodite? E por que, diante de um Páris já nocauteado pelo desejo, um Páris que talvez já estivesse pronto para escolhê-la como a mais bela, ela simplesmente não se entrega a ele, como fez com Anquises, mas resolve jogar sobre a mesa o nome de Helena – exatamente o nome da rainha de Esparta, casada com Menelau, cunhada de Agamênon, protegida por um pacto que foi jurado solenemente por todos os chefes da Grécia? Pois talvez seja esta justamente a forma de Afrodite contribuir para que o enredo progrida – e, deste ponto de vista, o julgamento das deusas pode ser encarado como um cenário montado para que fosse lançado entre os homens o pomo da discórdia do desejo, representado por Helena.

## 5 – As Helenas de Homero

Páris agora não pode pensar em outra coisa senão Helena, a quem já ama só de ouvir falar. Seu próximo movimento será zarpar para Esparta a fim de colher o prêmio que Afrodite prometeu. Aqui há certos pontos básicos sobre os quais todas as versões vão concordar: ele é recebido cordialmente na corte de Menelau; um imprevisto faz seu anfitrião viajar para Creta, onde fica-

rá retido por alguns dias; Páris aproveita sua ausência para partir para Troia, levando consigo Helena e vários itens do tesouro de Menelau; finalmente, Hera, que o odeia por causa do julgamento, manda uma violenta tempestade que impele seu navio para o sul, em direção ao Egito, levando-o a encalhar numa das bocas do Nilo.

É neste ponto que se encontra o ponto cego de toda a narrativa; é aqui que ela vai se bifurcar em várias direções diferentes, permitindo, como veremos, que a tradição clássica produza uma série de elaborações diferentes deste mito para salvar o orgulho masculino do homem grego e conciliar a Helena da *Iliada* com a Helena da *Odisseia*. A estatura de Homero na cultura grega era tal que poucos tentaram contestar as versões dos mitos que ele apresenta. Ninguém admitiria introduzir variações naquilo que o texto homérico tinha fixado; apenas as histórias (ou as partes delas) que Homero não narrou constituíam um campo liberado a ser preenchido pela livre imaginação dos escritores e mitólogos.

Como todos sabem, a *Iliada* (Homère, 2002) não abrange a Guerra de Troia toda, mas se restringe a apenas 50 dias, já no décimo e último ano dos combates. O poema começa com a cólera de Aquiles, ao ser destrutado pelo chefe Agamênon, e se encerra com os funerais de Heitor, o paladino de Troia, irmão mais velho de Páris. Tudo o que vem antes dela – o nascimento de Helena, o julgamento das deusas, a ida de Páris a Esparta, o rapto (ou a fuga) de Helena, o incidente no Egito – não é narrado por Homero, constituindo, portanto, território liberado para as mais variadas hipóteses – da mesma forma que ele também não conta a morte de Aquiles, a construção do cavalo de Troia ou a destruição final da cidade.

A ação da *Odisseia* (Homer, 1995), por sua vez, ocorre depois que a guerra terminou. O poema conta a volta para casa de um dos mais importantes guerreiros gregos, Odisseu (que preferimos denominar pelo nome latino de Ulisses), condenado pelos deuses a vagar ainda mais dez anos antes de finalmente pôr os pés na sua amada Ítaca. Helena aparece numa breve passagem da *Odisseia*, mas a surpreendente maneira como Homero a descreve torna-se o marco organizador da história deste personagem, o polo magnético que orientará todas as releituras propostas para este mito.

No início do poema, já se passaram dez anos do final da guerra, e o filho de Ulisses, Telêmaco, preocupado em saber se o pai ainda está vivo, vai a Esparta para falar expressamente com Menelau. Ficamos então sabendo que o casal, apesar de tudo o que aconteceu, conseguiu reconstruir sua relação e vive em absoluta harmonia doméstica. Helena, uma simpática anfitriã, agora leva uma vida serena ao lado do marido, e o casal parece tão resolvido que ambos contam para Telêmaco, com grande naturalidade, sem ressentimento.

mento aparente, episódios ocorridos quando ela ainda vivia ao lado de Páris. Esta harmonia descrita por Homero, porém, vai deixar muitos insatisfeitos. Afinal, depois de todo o esforço grego para punir a afronta dos troianos, depois de tantos anos de luta sangrenta, depois de tanta morte e sofrimento causados por uma mulher, como justificar essa reconciliação, que depõe contra a dignidade de Menelau? Como explicar que o rei de Esparta, uma das figuras de maior destaque junto às muralhas de Troia, agora conviva em tanta harmonia com a mulher que o minotaurizou? Como aceitar, em suma, que o poema fundador do mundo helênico immortalize um prosaico triângulo amoroso em que o papel de bobo é desempenhado justamente por um guerreiro grego? Só podia haver uma resposta para o perdão concedido a Helena por Menelau (e pelo próprio Homero): ao contrário do que todos pensavam, ela era inocente.

Voltamos assim àquela noite, em Esparta, em que Páris parte para Troia levando Helena em seu navio. Foi uma fuga voluntária ou ela foi levada à força? As hipóteses sobre o que realmente aconteceu entre os dois vão se suceder, uma a uma, até hoje, na tentativa de decifrar o enigma de Helena – o que é muito natural, convenhamos, numa civilização em que, como Freud admitia, a mulher sempre será uma interrogação. Vejamos uma por uma.

## 6 – Primeira hipótese

– Helena é culpada; ela fugiu com Páris por ter se apaixonado pelo exótico e belo estrangeiro, que usa roupas de cores vivas, tem os cabelos encaracolados e costuma perfumar o corpo – bem o oposto dos austeros gregos, adeptos da maior simplicidade possível (como Troia fica na Ásia, teríamos aqui mais um reflexo do eterno fascínio da Europa pelo Oriente).

Ovídio (2006), na *Ars amandi* (*A arte de amar*), diz que Menelau não tem por que se queixar; ao deixar Helena e Páris sozinhos no palácio, foi ele que provocou o que terminou acontecendo. Este mesmo autor, nas *Heroídas* (livro que reúne supostas cartas trocadas entre vários personagens famosos da mitologia), faz Helena declarar por escrito a paixão que sentiu assim que o viu chegar a Esparta – acrescentando que tinha ficado profundamente comovida ao saber que ela própria havia sido o prêmio oferecido por Afrodite, e, mais importante ainda, que o belo estrangeiro recusara, por causa dela, as ofertas feitas pelas duas outras deusas. Por isso, no dia da fuga, assim que chegaram ao porto em que estava o navio troiano, os dois não suportaram mais a expectativa e se retiraram para uma pequena ilha próxima, onde tiveram uma inenarrável noite de sexo apaixonado. Esta hipótese, endossada por Safo, tem a vantagem de re-



conhecer que Helena (e a mulher, por consequência) também pode ser sujeito do desejo, mas deixaria, do ponto de vista dos gregos, totalmente inverossímil a reconciliação do casal.

## 7 – Segunda hipótese

– Helena é vítima; como muitas outras heroínas da mitologia, ela foi levada à força, debatendo-se e mordendo seu raptor. Para fazê-la embarcar em seu navio, Páris teria ameaçado ferir com a espada a filha dela, Hermione. Dessa forma, não foi por vontade própria que ela passou todo esse tempo em Troia. Esta hipótese serve, de certa maneira, para salvar a face de Menelau na *Odisseia* (Homer, 1995), mas não combina com todas as cenas da *Ilíada* (Homère, 2002) em que ela aparece convivendo normalmente com os troianos, que demonstram por ela o respeito que têm por uma rainha e a admiração que sentem por sua beleza.

## 8 – Terceira hipótese

– Helena não agiu conscientemente, mas foi enfeitiçada por Afrodite, para cumprir assim a promessa que esta fez a Páris durante o julgamento do pomo da discórdia. Se todos os deuses (exceto as três deusas virgens) estão submetidos a seu poder, se o próprio Zeus sucumbe muitas vezes aos sortilégios da deusa do amor, como esperar que Helena, uma simples mortal, possa resistir?

Esta hipótese é compatível com o que Homero conta na *Ilíada* (Homère, 2002): ali Helena aparece de uma forma digna, altiva, claramente melancólica, lamentando ter cedido aos comandos de Afrodite. Quando é chamada ao alto da muralha por Príamo, seu sogro, para que identifique os heróis gregos que estão lá embaixo, na planície, fica enternecida ao ver Menelau, de quem já sente saudade; o brilho inicial de Páris já se desvaneceu e ela está claramente arrependida. No Canto III, quando Páris, ao enfrentar Menelau num combate singular, está prestes a ser vencido, Afrodite o salva e o transporta pelos ares até seus aposentos, onde ela tenta convencer Helena a fazer amor com ele para confortá-lo. Helena então se revolta, sugerindo que Afrodite é que deseja Páris e que gostaria de fazer pessoalmente o que ela está mandando Helena fazer. Ela se sente possuída pela outra e sabe que seus próximos amantes não de ser escolhidos pela deusa, e não por ela mesma; seu lamento não deixa dúvida disso: “Para onde vais me levar em seguida?” (Homère, 2002, Canto III, p.462-5). Logo adiante, na mesma cena, ela própria reconhece o ato condenável que cometeu, instigada pela deusa: “Sou mesmo uma cachorra!”

Dez anos mais tarde, na *Odisseia*, ao narrar para Telêmaco o episódio em que encontra Ulisses infiltrado em Troia (ele tinha entrado disfarçado na cidade, para espionar; Helena o reconhece, mas não o denuncia), ela é ainda mais explícita: “Então eu me senti alegre, porque meu coração se voltou de novo para cá, para meu verdadeiro lar, e comecei a lamentar a cegueira com que Afrodite me atingiu quando me levou daqui para Troia, para longe da minha pátria, deixando para trás minha filha, meu leito nupcial e meu marido, que ninguém pode superar em espírito e em beleza!” (Homère, 2002, Canto IV, p.260).

No entanto, nem esta informação de que já em Troia ela estava arrependida, nem a responsabilização de Afrodite por sua momentânea cegueira seriam suficientes para convencer o público a aceitar as cenas de harmonia doméstica que Homero descreve na *Odisseia* (Homer, 1995). Na visão do grego tradicional, ela se arrependeu, mas fez. Um herói moderno poderia perdoar, mas jamais esquecer; Menelau, no entanto, dentro do rígido código da aristocracia micênica, não tinha o direito de fazer nenhum dos dois.

## 9 – Quarta hipótese

– Helena é inocente: ela jamais foi a Troia. Estava colhendo flores para o templo de Atena quando Hera, para provocar a guerra que destruiria Troia, arrebatou-a pelos ares e foi depositá-la no Egito, onde passou os dez anos da guerra sem poder se comunicar com ninguém de seu povo. Uma variante desta versão diz que uma tempestade impeliu o navio de Páris para o sul, em direção ao Egito; quando o navio troiano encalha numa das bocas do Nilo, o faraó a retém consigo para devolvê-la a Menelau, que é um rei respeitado por ele. Seja de uma forma ou de outra, Menelau e os demais não sabem que ela está no Egito e presumem que Páris a levou para Troia. Quando vão até lá exigir que a devolvam, ficam indignados quando os troianos respondem que lá não havia Helena alguma. Com algumas modificações, esta era a tese defendida pelo historiador Heródoto, para o qual a guerra teria sido provocada por um simples mal-entendido; esta versão, contudo, vai morrer na casca por desautorizar completamente o texto de Homero, já que ao longo da *Iliada* Helena aparece várias vezes no palácio de Príamo e no alto das muralhas – ao mesmo tempo em que, na *Odisseia* (Homer, 1995), ela narra para Telêmaco vários episódios de sua estada em Troia.

É significativo, porém, que esta alusão à passagem pelo Egito seja uma constante em todas as versões; mesmo a *Odisseia* faz referência a ela: Helena, ao oferecer a Menelau e a Telêmaco uma taça de *nepentes* – misteriosa bebida que provoca imediato bem-estar em quem a ingere – explica

que aprendeu a usá-la durante sua estada no Egito. No imaginário grego, o Egito era o Outro por excelência, a terra desconhecida em que vicejava uma civilização antiquíssima, cujos hábitos e costumes em quase tudo contrariavam os gregos. Quando um sacerdote mostra a Heródoto as cento e tantas estátuas representando os faraós que haviam reinado, o historiador compreende por que os egípcios diziam que a Grécia era uma criança... Nada mais natural, portanto, que o Egito, esta terra misteriosa em que tudo pode acontecer, seja o lugar privilegiado em que se esconde a chave do mito de Helena.

## 10 – Quinta hipótese

– Helena é inocente; em momento algum ela feriu a dignidade de Menelau, deitando ao lado de outro homem. A honra da mulher grega não foi maculada por aquele sedutor barato que desrespeitou as sagradas leis da hospitalidade. Na verdade, Helena nunca esteve em Troia: ao ser raptada em Esparta, foi levada para o Egito, onde ficou retida até o final da guerra pelo faraó reinante. Enganado por Hera, sua inimiga mortal, Páris teria levado para Troia (e para seu leito) apenas um simulacro, um *eidolon*, um fantasma com a aparência da verdadeira Helena. Numa versão mais tosca, o faraó teria dado a Páris, como consolação, um retrato de Helena, mas esta solução não justificaria todas as cenas em que Helena aparece em Troia.

Estesícoro é um poeta lírico do séc. VI a.C. cuja única fama surgiu do episódio em que se envolveu com o tema de Helena. O que sabemos dele é contado por Platão, no *Fedro*: ele teria escrito um poema em que criticava Helena nos termos de sempre, classificando-a como adúltera e leviana. Por causa disso, a própria Helena – que, a essa altura, já vinha sofrendo um processo gradativo de deificação, com adeptos em muitas regiões da Grécia – resolveu castigá-lo, tirando-lhe completamente a visão. As Musas teriam então revelado a ele a razão de sua cegueira, e ele se apressou a compor outro poema, a *Palinódia*, desta vez absolvendo-a de qualquer culpa. Deste poema só nos restam três versos, talvez os primeiros, mas suficientes para entender a ideia geral:

Não, esta história não é verdadeira.

Tu, Helena, nunca pisaste no convés daquele navio,

E nunca estiveste na Troia das altas torres.

Diz a lenda que Estesícoro, ao apresentar a *Palinódia*, recuperou integralmente a visão: este seria o seu prêmio por ter finalmente entendido o jogo de cena entre a falsa e a verdadeira Helena, jogo que o outro cego – o velho Homero – nunca conseguira entender.

Quase nada nos resta da obra de Estesícoro, mas felizmente a *Helena* de Eurípedes chegou até nós integralmente. Nesta peça, que não tem propriamente a estrutura de uma tragédia, o autor desenvolve em detalhe o motivo do *éidolon*: terminada a Guerra de Troia, Menelau ruma para o sul, em direção a Esparta, trazendo consigo Helena (na verdade, o seu fantasma); como nas demais versões, uma violenta tempestade impele seu navio muito mais ao sul da Grécia, jogando-o numa das bocas do rio Nilo. Menelau então deixa a falsa Helena numa gruta junto à praia, sob a proteção de um guarda, e sai em busca de socorro. Ocorre o encontro inevitável entre ele e a verdadeira Helena, que compreende a dúvida que se apossou de Menelau e tenta explicar-lhe como Hera tinha recorrido ao *éidolon* para se vingar de Páris. Ainda sem muito sucesso, Helena se esforça para convencê-lo de que é a mãe de sua filha e de que esteve ali durante todos esses anos, à espera de notícias do desfecho da guerra. Neste momento, como último detalhe que vai dissipar qualquer dúvida, chega correndo o guarda que tinha ficado na praia para avisar que a Helena que estava na caverna havia desaparecido nos céus, deixando uma mensagem de significado inequívoco: “Pobres troianos, e vocês todos, ó gregos! As maquinacões de Hera fizeram vocês morrer nas margens do rio Escamandro – por mim! – porque vocês pensavam que Páris tinha entre os braços uma Helena que não estava lá. Mas agora que acabou a minha função, devo voltar ao céu em que nasci. Pobre da filha de Tíndaro, que foi tão injustamente acusada!” (Eurípede, 2001, p.610). (A peça tem outros desdobramentos, envolvendo o filho do faraó, mas não interessam ao nosso tema.)

Pronto! Mais claro que isso seria impossível; é como se os deuses tivessem emitido um atestado de idoneidade definitivo para Helena. Menelau conquistou a paz de que precisava; ele, que até então não sabia ainda muito bem como iria se comportar em face do adultério da esposa, percebe que seu pesadelo acabou e que poderá reatar uma vida normal ao lado de sua rainha. Com esta peça, Eurípedes salva Helena da infâmia, ao mesmo tempo em que justifica a paz doméstica que o casal vai apresentar na *Odisséia* (Homer, 1995), quando Telêmaco for visitá-los – mas joga na lixeira o texto inteiro da *Ilíada* (Homère, 2002), que leva a sério uma guerra que teria sido travada por um simples pedaço de nuvem, por uma pequena porção de nada! Custa acreditar que a Helena que reage contra as ordens de Afrodite, a Helena que é admirada pelos troianos anciãos que a veem passar no alto da muralha, a Helena que chora sinceramente a morte de Heitor, seu cunhado favorito, fosse apenas um simulacro que tivesse iludido a todos – inclusive a Afrodite, que discutiu asperamente com ela, e aos demais deuses do Olimpo, que se envolveram pessoalmente em todas as

etapas dessa guerra. Além disso, estando a Helena verdadeira no longínquo Egito, de onde a falsa Helena de Troia vai tirar a força de sedução que ela recebe e compartilha com Afrodite e que a torna capaz de despertar paixões irresistíveis e provocar guerras sangrentas como a que foi travada em Troia? Alguma coisa, como veremos, invalida também esta hipótese de que a Helena verdadeira permaneceu no Egito e, bem ao contrário, exige terminantemente a sua presença em carne e osso dentro dos muros de Troia.

## 11 – Sexta hipótese

– Helena realmente fugiu com Páris para Troia, onde permaneceu até a cidade ser destruída. Lá, como Homero faz questão de mostrar, o encantamento inicial vai sendo trocado pouco a pouco pelo arrependimento de ter deixado para trás Menelau e sua filha Hermione para ficar com o belo mas vaidoso e inconstante Páris. Suas falas na *Ilíada* (Homère, 2002) não escondem a impaciência que sente diante da superficialidade de seu novo marido, nem o grande ressentimento que nutre contra Afrodite, a quem responsabiliza pela loucura que cometeu. Na cena em que reconhece Ulisses sob o disfarce de um mendigo e não denuncia sua presença aos troianos, ela já decidiu que vai deixar de ser Helena de Troia para voltar a ser Helena de Esparta. Ela sabe que sua beleza quase divina, que tantas vezes atraiu desgraças para ela e para os que a cercavam, é, ao mesmo tempo, a garantia de que tem toda a liberdade de escolher o seu futuro: a mulher mais bonita do mundo, assim como a coisa mais valiosa do mundo, será aceita de volta pelo marido e bem acolhida onde quer que ela vá. Sua preocupação, agora, é encontrar uma forma de limpar sua reputação, de apagar a pecha de mulher infiel, de salvar assim a face de Menelau junto aos exércitos gregos, que não suportariam passar para a posteridade com a má fama de ter lutado tanto tempo por uma mulher que abandonou o lar para acompanhar um estranho.

Ora, Zeus, o supremo roteirista, quando a escolheu como pivô desta guerra e a colocou ali, na cidade de Príamo, talvez já esperasse que ela, sendo sua filha, teria astúcia suficiente para encontrar um final satisfatório para sua própria história. Em suma, vai ficando claro que o senhor do Olimpo, ao contrário dos simples mortais, sabe que Helena – ou seja, a mulher ideal – é muito mais do que uma simples encarnação da beleza.

Helena conhecia muitas das artimanhas utilizadas pelos deuses para levar os humanos à perdição. Afinal, não tinha ela assistido, do alto das muralhas de Troia, ao encontro final entre Heitor e Aquiles? Naquele dia fatídico, Heitor, pressentindo a morte, pôs-se a fugir desesperadamente de seu oponente até que Palas Atena interveio, fazendo aparecer a seu lado o simulacro

de um de seus irmãos, Deífobo, armado e pronto para a luta. Crente de que teria um aliado, Heitor parou de fugir e se voltou para enfrentar o terrível Aquiles – quando então percebeu, tarde demais, que estava sozinho e que os deuses o haviam enganado.

Por acaso ela também não conhecia, como todo o mundo, a história de Íxion? Convidado por Zeus a frequentar o Olimpo, Íxion tinha começado a cortejar Hera descaradamente. Para se divertir, Zeus tinha construído uma falsa Hera, um simulacro feito de “matéria de nuvem”, que aceitou os galanteios e terminou deitando com Íxion (este mito produziria em Roma o famoso dito “tomar a nuvem por Juno”, usado para designar um equívoco essencial). Tudo isso teria sido levado por Zeus na brincadeira se Íxion, fanfarrão, não tivesse começado a se gabar de ter dormido com a própria Hera, o que levou Zeus a condená-lo a um castigo eterno no Reino dos Mortos.

Por que não usar o recurso do simulacro, separando de maneira radical a Helena virtuosa da Helena infiel? Ela sabia que em pouco tempo as histórias sobre ela confundiriam a imagem com a realidade, e não faltariam poetas que reescrevessem sua história já com esta nova versão. A oportunidade ideal para deflagrar o processo veio com a tempestade – que, a esta altura, dentro deste jogo de espelhos que cerca o nome de Helena, talvez fosse enviada pelo próprio Zeus como uma pequena colaboração para o projeto da filha. Os ventos violentos, ao levarem seu navio para o Egito – visto pelos gregos como terra de prodígios, de estranhas metamorfoses, de deuses exóticos com cabeça de animal –, colocaram Helena no cenário perfeito para o que pretendia. Para ela, que entendeu, mais do que ninguém, que ela é feita de palavras – ela é o que dela se conta e o que ela própria conta dela – foi muito fácil simular a pretensa substituição da Helena que veio de Troia pela Helena de carne e osso: bastou dizer que a troca havia ocorrido – e pronto. Avalizadas tacitamente por Menelau – que, a esta altura, já estava a par do plano que ia permitir que ele continuasse casado com Helena —, passaram a existir, num passe de mágica, duas Helenas no lugar de uma.

Esta foi a hipótese que utilizei em *A guerra de Troia* (originalmente publicada pela L&PM Editores como *Troia: o romance de uma guerra*, 2015). Nesta narrativa, quando tenta convencer Menelau de que ela esteve no Egito durante todo o tempo que durou a guerra, Helena se trai ao recordar uma cena ocorrida nos seus aposentos em Troia, da qual ela não poderia ter conhecimento. Menelau percebe o lapso, mas manda às favas a sua honra ferida, pois prefere aceitar a duplicidade intrínseca de Helena a perdê-la. Esta solução, que não admite a história do simulacro como verdadeira, como fez Eurípedes, mas, sim, como uma esperta simulação urdida por Helena, tam-

bém deixa intacta a versão do velho Homero, cego que enxergou bem mais longe que o gabola do Estesícoro: enquanto este, preocupado em inocentar Helena, caiu na esparrela do *eídolon*, tornando-se um dos que mais ajudaram a divulgar a ideia plantada pela própria Helena, Homero preferiu colocá-la muito viva no leito de Páris e nas muralhas de Troia, irradiando a energia perigosa de sua beleza.

A *Iliada* (Homère, 2002) termina antes da queda da cidade, mas a *Odisseia* retoma, retrospectivamente, vários episódios do final da guerra, narrados ou comentados, como vimos acima, quando Telêmaco é recebido por Helena e Menelau em seu palácio de Esparta. A versão de Helena para o que aconteceu é, ao mesmo tempo, uma desculpa e uma confissão: “Afrodite me obrigou a fazer o que fiz” – o que pode ser traduzido como “fiz, mas não sou culpada”. No Canto IV, ao contar a Telêmaco como encontrou o pai dele, Ulisses, que tinha se infiltrado secretamente na cidade para roubar o misterioso paládio, ela está admitindo de forma implícita sua presença na cidadela de Príamo. Se ela é a autora da versão do simulacro que se espalhou pela Grécia, pelo menos ela não a usa na *Odisseia*, porque Menelau, e principalmente Homero, sabem exatamente o que ocorreu. No mesmo Canto IV, aliás, quando falam sobre o cavalo de Troia, podemos ouvir Menelau – que era um dos que entraram escondidos em seu bojo – relembrar, num tom de velada censura, que naquela noite ela estava endiabrada, e não parava de andar em torno do cavalo, imitando as vozes das esposas dos principais guerreiros gregos, tentando fazer com que algum deles se traísse ao responder. Marido e mulher, portanto, sabem muito bem do que estão falando.

## 12 – Conclusão

– Ao atribuímos à própria Helena de Esparta a invenção consciente de uma Helena do Egito e de uma Helena de Troia, conseguimos incorporar definitivamente à sua história o motivo do *eídolon*. Depois de Eurípedes, aliás, tornou-se impossível desvincular Helena da ideia de um simulacro criado pelos deuses (ou da postulação, feita por Helena, de um falso simulacro, como propusemos), pois nada melhor do que ele para simbolizar o eterno desafio enfrentado por todo aquele que tenta distinguir entre as múltiplas facetas da filha de Leda, que pode ser leal, infiel, sedutora, maternal, leviana, traiçoeira ou ardilosa.

Sempre haverá muitas mulheres numa Helena. Homero chama a atenção para isso naquela cena da *Odisseia* (Homer, 1995) em que ela caminha em torno do cavalo de madeira e, mudando de voz habilmente, imita tão bem a mulher de cada um dos guerreiros que vários deles quase

caem na armadilha. Zêuxis, o famoso pintor, também se deu conta dessa multiplicidade quando recebeu da cidade de Crotona a incumbência de fazer uma pintura representando Helena de Troia. Preso no dilema de montar uma imagem que fizesse jus à lendária beleza de Helena, ele pede que se apresentem a ele as mais belas jovens da cidade para que todas sirvam de modelo ao mesmo tempo: como não acreditava que todas as qualidades que ele imaginava em Helena pudessem ser encontradas numa só pessoa, tinha decidido aproveitar os traços mais perfeitos de cada uma, a fim de que lhe fosse possível “transferir a verdade da vida para uma imagem muda” (Ciceron, 2.1).

Estas são – ao menos, até agora – as principais versões literárias de Helena de Troia, personagem para cuja compreensão a psicanálise certamente terá muito a contribuir, como sugere, por exemplo, o psicanalista inglês Darian Leader, em *Why do women write more letters than they send?*:

Não importa que as pessoas a amem ou a odeiem: Helena de Troia representa a Mulher da Antiguidade – a causa de tantos anos de guerra, de tantas vidas perdidas. Mas, curiosamente, se adotarmos a maneira pela qual Eurípedes trata o tema em sua peça *Helena*, a mulher de Troia não era a verdadeira Helena. Era apenas um fantasma feito de éter, que Hera havia entregue a Páris para ter certeza de ele nada possuiria: durante todo o tempo, a verdadeira Helena se entediava no Egito, sonhando com o retorno de seu marido Menelau. Este interessante motivo nos lembra a frase de efeito com que abrimos este capítulo, ‘a Mulher não existe’.

“Helena, a mais bela, a mais amada, a mais odiada das mulheres não passava de uma miragem. Seus pretendentes não percebiam que, ao tomá-la nos braços, era ar o que abraçavam. Assim, Eurípedes nos mostra que o lugar da mulher é, no fundo, um lugar vazio; por trás da imagem ideal de Helena não há literalmente nada. É por isso que cada mulher pode tentar encontrar uma maneira de dar sentido a esse vazio e de construir alguma coisa nesse lugar. Uma mulher pode ter 100 vestidos da Chanel e continuará a dizer “não tenho nada para vestir”. Aquilo que ela não tem é o uniforme daquilo que é ser A Mulher, a resposta definitiva à questão da feminilidade. E como o lugar da Mulher é, em definitivo, um lugar vazio, sempre vai estar faltando um vestido em seu armário (Leader, 2014, p.19).



REFERÊNCIAS

- CICERON. *Oeuvres complètes de Cicerón*. Trad. M. Nisard. Paris: Dubochet, 1840.
- EURIPIDE. *Hélène*. Paris: Robert Laffont, 2001. Les Tragiques Grecs v.2
- HOMER. *Odyssey*. Trad. A. T. Murray. Harvard: Loeb, 1995.
- HOMERE. *Iliade*; texte établi et traduit par Paul Mazon; préface de Jean-Pierre Vernant; notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2002. 3 v.
- LEADER, Darian. *Why do women write more letters than they send?* London: Faber&Faber, 2014. E-book
- MEAGHER, Robert. The meaning of Helen: *In: Search of an ancient icon*. Illinois: Bolchazy-Carducci, 2002.
- MORENO, Cláudio. *A guerra de Troia*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- OVÍDIO – *A arte de amar*. Lisboa: Cotovia, 2006.

Recebido em 15/09/2015

Aceito em 23/11/2015

Revisado por Marisa Terezinha Garcia de Oliveira